
CIDADES, Comunidades e Territórios



Associações periféricas de jovens *hip-hoppers* e representações identitárias na cidade

Rosana Aparecida Martins¹, Centro de Investigação de Media e Jornalismo-UNL, Brasil

Abstract

Hip-hop has struggled to try to report and seek solutions to phenomena that mark especially certain urban realities, such as urban violence, police violence, racial discrimination, inequality in income distribution, bankrupt educational systems, among others. Our goal is to analyze the actions of peripheral cultural youth hip-hop as possible paths for new mediations in contemporary political practices. In this article we discuss the theoretical and political contribution of Cultural Studies and their focus on the process of cultural significance, present in the urban fabric of the contemporary scene, which enables the creation of new narratives, not according to a unilinear perspective, but open to different understandings.

Keywords: Hip-hop; Identity; Music; Globalization; Cultural Studies.

1. Introdução

O presente artigo segue como resultado do estudo que vem sendo realizado na Universidade Nova de Lisboa, em Portugal, no Centro de Investigação de Média e Jornalismo (CIMJ) sobre agrupamentos juvenis periféricos e a cultura hip-hop. Esta pesquisa encontra-se inserida no âmbito do programa de pós-doutoramento da Fundação para Ciência e Tecnologia (FCT). Reconstruímos aqui o percurso de uma pesquisa de campo, partindo de uma pesquisa realizada em bairros periféricos da grande São Paulo (São Bernardo do Campo), Brasil, e em Lisboa, (Concelho da Amadora), Portugal.

Neste ensaio vão ser analisados e apresentados os dados que foram recolhidos através dos inquéritos, correspondente à primeira fase desta investigação empírica (2010 a 2011). Durante a pesquisa de campo, foram utilizados na coleta e análise dos dados a referência metodológica da abordagem qualitativa, particularmente a partir das entrevistas semi-estruturadas individuais com integrantes de coletivos juvenis de hip-hop. Consideramos as entrevistas semi-estruturadas como o instrumental privilegiado dada a capacidade de interlocução, permitindo ao entrevistado falar livremente sobre o tema, sem se sentir limitado à questão. Utilizamos para esta investigação o gravador para melhor captar fielmente a transcrição das falas dos entrevistados. Além das duas entrevistas gravadas, houve várias conversas por telefone com os participantes de ambos os grupos. Partimos também para uma observação participante, a fim de conhecer o cotidiano desses jovens dentro e fora do grupo. O intuito era buscar certa empatia e desenvolver conversas de caráter mais ou menos informal com jovens. As conversas com estes jovens procuraram ser estabelecidas, inicialmente, de

¹ rosanasantosposse@yahoo.com.br.

maneira muito informal e espontânea, tendo como intuito deixá-los bem relaxados e interferir o mínimo possível em seu cotidiano. Cabe ressaltar que a observação torna-se uma técnica científica a partir do momento em que passa pela sistematização, planejamento e controle da objetividade. O pesquisador não está simplesmente olhando o que está acontecendo, mas observando com um olho treinado em busca de certos acontecimentos específicos. A observação participante compreende que o investigador possa experienciar o seu campo pesquisado.

Durante este trabalho investigativo, também contamos com um importante instrumento de pesquisa, o caderno de campo. Nestas importantes observações foram registrados, através de anotações e desenhos, acontecimentos, comportamentos, e comentários das pessoas envolvidas na pesquisa.

Logo, a partir das ações metodológicas mencionadas, temos que o importante num estudo etnográfico é interpretar o fenômeno estudado a partir de suas relações com o contexto social mais amplo e não apenas em razão das relações internas. Metodologicamente, isso implica complementar a informação de campo com informação relativa a outras ordens sociais, e buscar interpretações e explicações com base em elementos externos à situação particular (Rockwell e Ezpeleta, 1989).

A partir de um aporte teórico multidisciplinar e transversal, conjugado com as diversas áreas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, visamos identificar ações ligadas à cultura hip-hop e às formas estabelecidas pelos jovens periféricos, em relação ao espaço de sociabilidade e às formas de representação. A base teórica e epistemológica dessa pesquisa foi embasada pela linha de pensamento conduzida pelo *cultural studies*, sobretudo no tocante às formas de representação identitárias que são elaboradas pelos jovens periféricos ligados ao hip-hop na articulação entre cultura e práticas políticas.

Os estudos culturais representados pelo Centre for Contemporary Culture Studies (CCCS), criado na Inglaterra, especificamente na Universidade de Birmingham, no final dos anos sessenta do século XX, responsável pela difusão dos estudos da juventude sob a perspectiva da subcultura, constituíram um marco na renovação dessa temática de investigação. Através da importante obra, *Resistance Through Rituals: Youth subcultures in post-war Britain* (Hall e Jefferson, 1993 [1976]), apontaram uma série de mudanças, levantadas por um debate mais amplo, ao destacar que um dos primeiros fatores decorrentes do aumento do mercado e do consumo no pós-guerra foi propiciar o crescimento da indústria de lazer voltada para a juventude. O estudo sobre determinados rituais de juventude levaria ao questionar das divisões tradicionais entre cultura popular e de elite, indo ao ponto de levar a sério a cultura de massas, conferindo-lhe dignidade acadêmica (Clarke, 1990; Hall e Jefferson, 1993 [1976]).

Face à nossa contemporaneidade, os estudos culturais se debruçaram predominantemente em reflexões teóricas que os acompanharam de um olhar renovado sobre o passado. Autores como Stuart Hall (1997, 2003, 2002), Paul Gilroy (2001), Bhabha (1994), Hebdige (1979), Canclini (2005) e Jesús Martín-Barbero (1993) retratam os tempos atuais, como um estado de transformação na sociedade humana, com avanços tecnológicos, mas também com antagonismos e desigualdades. Stuart Hall (1997, 2002), ao fazer menção ao autor Ernest Laclau, acentua os aspectos positivos do espaço-tempo contemporâneo: desarticula as identidades fixas e estáveis do passado, porém abre perspectivas para novas articulações que permitem a criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos que se recompõem em torno de pontos nodais particulares de articulação ou pluralidade de centros de poder.

O autor Stuart Hall (1997, 2003) está convicto de que a cultura não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária ou dependente em relação ao que faz o mundo mover-se; tem de ser vista como algo fundamental, constitutivo, determinando tanto a forma como o caráter deste movimento, bem como a sua vida interior.

A paisagem das grandes metrópoles mundiais apresenta um conjunto novo de inscrições produzidas por indivíduos e grupos juvenis. As ruas, praças, muros e o próprio corpo dos jovens são amiúde utilizados como suportes no processo de identidade e comunicação social. Fenômenos como segregação socioespacial, violência, racismo, sexismo, exclusão, mas também outros como a afirmação de identidades, autoestima, cooperação, e

pertença social, encontram tradução ao nível simbólico. O conjunto dessas intervenções exprime-se em objetos concretos nas músicas, danças, pichações e nos grafites.

Dick Hebdige (1979) defende que a adoção da idéia de estilo como um código responsável por mudanças que teriam transformado o estudo das culturas juvenis e a estrutura social, integrando as origens sociais num quadro de interpretação das lógicas de resistência, produção e consumo cultural. O estilo era avaliado como um “mecanismo de desordem semântica”, sugerindo “violações dos códigos autorizados através dos quais o mundo social é organizado e experienciado” (Hebdige, 1979: 91). Hebdige reconhecia nesta operação uma apropriação mágica dos objectos, reconfigurados e utilizados com um novo significado, com um talento invulgar para provocar e chocar, questionar o pensamento hegemónico e desafiar o poder. A afirmação das identidades juvenis, através da adoção de uma estética e postura determinadas, aquilo que ficou conhecido como estilo subcultural (Clarke, 1990; Hebdige, 1979), servia como resposta de um coletivo que procurava resolver magicamente as contradições entre a cultura de massas (e o consumismo) e as suas culturas de origem (na classe trabalhadora), na consolidação da auto-identidade e consciência de grupo.

A existência das subculturas juvenis ligadas ao hip-hop acaba por dar margem a novas leituras, em formatos que levam a repensar o espaço e a estrutura societária. Assim, tomando como exemplo a difusão do rap, através dos meios massivos, enquanto fluxo cultural que se circula globalmente, podemos verificar que o mesmo encontra-se ancorado na ideia de cultura (*hip hop culture*)², que permite a imaginação de uma comunidade mundial (*hip hop nation*), fundada no protesto contra a injustiça e a opressão social.

“(...) Devemos conhecer muito mais ainda nossos direitos e acreditar nisso... Lutar contra o preconceito, lutar contra o racismo – entendeu? –, contra a alienação das drogas que invade a periferia, contra a alienação das armas, tudo aquilo que o sistema tenta colocar *p’ro* jovem brasileiro, principalmente, *p’ro* jovem da periferia, o negro, que é o que mais sofre com isso... Nós aqui do fundão da periferia, nós temos ideologia, nós temos sabedoria, nós temos uma riqueza cultural, somos pobres de grana, de condições financeiras... Somos pessoas que estão procurando um ideal.”

(Arnailton Ribeiro Silva, membro do coletivo de hip-hop Posse Hausa [São Paulo, Brasil], 27 de novembro de 2009)

O hip-hop emergiu nos anos setenta, nos Estados Unidos, como forte referencial que permitiu a configuração de identidades juvenis partindo de linguagens que vinham das ruas, dos guetos e de grupos de bairro. Todas as representações do hip-hop têm importância no estudo da dinâmica das culturas contemporâneas por tornar-se vetor de comunicação e identificação e apresentar dispositivos de força no coletivo, de fusão e pertença.

Em visita ao coletivo Diálogo e Acção em Lisboa, Portugal, no concelho da Amadora, zona de Reboleira, numa conversa informal com a presidente da Associação, a brasileira Ana Rita Chaves (que também é representante em Portugal da Zulu Nation, associação que tem representação em diversos países do mundo), foi nos confidenciado que o hip-hop se transformou em arma política, de reivindicação de direitos identitários. Ana Rita, que emigrou para Portugal há dez anos atrás, revela a força que o hip-hop tem de aglutinação para jovens em torno de associações na busca de se integrar socialmente.

“...Todo membro do hip-hop quer a auto-estima de olhar enquanto cidadão. O jovem negro tem que ser um guerreiro e lutar para que sua condição de vida melhore. Posse é um sentimento de que você pode ter alguma coisa, identificação com a coisa que é sua. É você tomar posse daquilo. Esse é o sentido figurado da coisa. Jovens ligados ao hip-hop que reúnem para ensaiar ou para lutar por melhores condições no bairro. A importância é: a união faz a força. Toda vez que você chama uma pessoa *p’ra* lutar do seu lado, aí você acaba formando um exército. Essa é a importância da posse.”

(Ana Rita Chaves, Fundadora da Associação Diálogo e Acção, Entrevista realizada na Amadora, a 20 de março de 2011)

Aqui o “eu” que ganha voz é um “eu” que se determina e se exprime em oposição à objetividade figurada a um poder que tende a se reproduzir.

² De acordo com Martins (2005), o hip-hop é um movimento cultural que surgiu no início dos anos 1970, no bairro Bronx em Nova Iorque, criado por jovens negros e imigrantes. O termo hip-hop na verdade designa um conjunto cultural vasto que deriva daí seus quatro elementos artísticos: MC, master of ceremony, mestre de cerimônia ou rapper, o DJ, disc-jóquei; a dança break; o grafite, as artes. A cultura hip-hop, como uma alternativa para a violência e um sentido para escapar das duras realidades urbanas, alastra-se e polariza-se cultural e comercialmente ao reivindicar para si o papel de voz marginal(izada) diante da implacável colonização econômica do mundo globalizado.

Parece importante indagar que o senso de pertencimento ganha dimensões abrangentes daquelas até então definidas pelas redes de sociabilidades primárias (família, etnia, religião), reforçando como estratégia simbólica a busca de inclusão societária, ou seja, o de existir socialmente enquanto indivíduo. O estar-junto passa a constituir a função agregadora que reconstrói a representação em torno do questionamento do corpo social no patrocínio da participação pública do que antes parecia ser negado. A referência a Durkheim e sua noção de consciência coletiva faz-se, de acordo com Michel Maffesoli (1997), a chave necessária para compreendermos perfeitamente o tecido social contemporâneo e suas diversas efervescências efetuadas em torno ou a partir de sentimentos, de emoções, de imagens, de símbolos, suscitando a autonomia do ideal coletivo através de leis que lhes são próprias. A partilha em torno do hip-hop gera a relação de revestimento que favorece uma comunhão.

2. Agrupamentos de jovens no Brasil – Posse Hausa

“Posse” define-se como grupos coletivos que se organizam localmente, em seus bairros ou regiões, com o objetivo de resgatar a auto-estima da juventude local e promover a conscientização política. Nas posses os jovens marginalizados se transformam em autores e interventores de suas realidades, uma atuação que vai além das discussões. Busca-se o conhecimento através de reuniões de formação, leituras de livros e vivenciando a realidade como ela é; são detentores de um senso crítico, construindo um discurso contra-hegemônico da sociedade.

“(…) O hip-hop faz com que as pessoas sejam vistas como cidadãos pelo fato de entenderem as leis e conquistarem um maior espaço partindo da formação de cidadania (...) posse não é sentimento, mas um movimento, social, podemos dizer, pois é por meio da cultura e do entendimento da história que fazemos com que o nosso crescimento pessoal seja alcançado e, com isso, tomamos posse da história, da verdade.”

(Mateus Martins, 37 anos, membro da Associação Posse Hausa. Entrevista realizada em São Paulo, a 5 de junho de 2012)

“Ser um hip-hopper na Posse Hausa significa ter responsabilidade com um movimento político-cultural que serve como instrumento de atuação nas comunidades, tanto para diversão como para a mudança social, é um dever utilizar-se dos cinco elementos desse movimento para transformar a vida das pessoas. Ser hip-hopper é falar o que vive, o que sente, expressando com seu jeito particular como você enxerga o mundo que o cerca”.

(Oadq, citado por Santos, 2010)³

Portanto, a importância de uma coletividade como “posse” segue daí: ela evidencia um “nós” necessário para a constituição de cada ser humano individual, processo que dá testemunho ao fato de que vidas individuais não se formam apenas de dentro das estruturas burocráticas institucionais, mas principalmente de fora, ou seja, das arenas interacionais, das arenas públicas de diálogo cujo indivíduo conversando com os outros atualiza sua crítica ao mundo, cria outra lógica fora da normalidade social. O prazer de “estar junto” implica ter momentos de reflexão, de teorias, de trocas culturais, de sensibilidade, de trabalho com o corpo e de sensibilidade compartilhada.

Posse Hausa, é uma entidade civil sem fins lucrativos de jovens ligados à cultura hip-hop localizada na cidade de São Bernardo do Campo, um município brasileiro na região Metropolitana de São Paulo, e que funciona desde 26 de junho de 1993 como associação de jovens sem fins lucrativos. O reconhecimento formal do grupo é visto como um passo positivo no sentido da incorporação política nos processos de decisão na comunidade local – uma forma mais eficaz de representação e de pressão política e social.

A Posse Hausa vem estimulando a parceria, o diálogo local e a solidariedade entre os diferentes segmentos sociais, ao participar em conjunto com outras entidades de atividades que objetivem interesses comuns, visando desenvolver trabalhos de parceria com órgãos públicos e entidades civis. A Hausa, com sede provisoriamente

³ Honerê Al-amin Oadq, é membro da Associação Posse Hausa de São Bernardo do Campo, São Paulo.

localizada na residência de um membro do grupo, vem sobrevivendo em grande parte através do esforço próprio dos seus integrantes, sobrevivendo muitas das vezes de doações dos próprios membros, sendo que grande parcela dos componentes possuem um outro emprego, geralmente, fixo.

“(…) Temos nossos empregos fixos e fazemos algo para melhorar a sociedade em que estamos inseridos, pois somos, enquanto maioria negra, que participa deste movimento, os mais afetados pela discriminação, por ser periferia, pobre e negro.”

(Mateus Martins. Entrevista realizada em São Paulo, a 5 de junho de 2012)

Organizar-se através de uma Posse significa constituir um laço familiar de solidariedade entre os seus membros, através de valores que visem melhorar suas condições de vida e a do próximo. A juventude local se identifica com a cultura hip-hop e encontra uma alternativa de expressão, como forma de protestar contra a injustiça social que os afeta diretamente. A atuação da Posse Hausa caracteriza pela participação de jovens que atuam como arte-educadores propagando a cidadania através dos cinco elementos do hip-hop, e imbutidos de espírito público por relações políticas igualitárias e por uma estrutura social assentada na colaboração. As festas, os festivais, os espetáculos funcionam como momentos de ligação, experiências com significado para todo o grupo e apontam o papel da comunicação na produção, reprodução, inovação e defesa de um discurso próprio, desses jovens frente à sociedade.

Os jovens membros da Hausa buscam exercer sua cidadania através desta cultura. Os jovens adeptos do hip-hop acreditam no seu potencial para melhorarem a realidade onde vivem, realizando oficinas de grafite, de Break, de DJ (discotecagem) e Rima.

Um componente do grupo, Mateus, contou que fez uma oficina de disc jôquei como educador na antiga Febem de Tatuapé⁴ e que ouviu de um interno que, a partir daquela oportunidade de participação, ele poderia voltar a sonhar com um futuro melhor, uma melhor condição de vida e inserção social. Esse relato aponta interseções nas trajetórias dos sujeitos e as redes sociais da qual fazem parte. O caráter político-educativo incentiva o aspecto reivindicatório por melhores condições de vida, numa movimentação visível do retorno do jovem como ator político – cria um território crítico de ação simbólica e cultural, descobrindo-se socialmente por meio da arte, produzindo uma identificação própria como sujeitos políticos. Essa perspectiva aproxima-se das características relevantes na organização social, e do que Velho (2003:117) denomina de “negociação da realidade”, ou seja, as trocas e as interações que constituem a vida social.

Decorrem daí iniciativas autônomas e de auto-gestão, na qual o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes, sem referência a uma autoridade externa. Na autogestão desaparece a diferença entre administradores e administrados, visto que nela ocorre a autoadministração, com estruturas não burocráticas e até informais, e com formas coletivas de tomada de decisões, praticadas com um certo distanciamento social relativamente pequeno, entre liderança e demais participantes (Melucci, 1996).

Com o objetivo de difundir a cultura hip-hop e afro-brasileira, a Associação Posse Hausa participa ativamente de fóruns nacionais e internacionais, tanto enquanto palestrantes, ouvintes e rappers. A Hausa vem proporcionando atividades educacionais e sócio-culturais, realizando conferências, seminários, cursos, treinamentos, palestras nos temas voltados ao meio ambiente, gênero, raça, classe, o que é racismo e suas manifestações discriminatórias e preconceituosas. A principal bandeira da Posse Hausa é a expansão do hip-hop nas ruas, onde ele nasceu, sem perder suas características, promovendo a luta contra o racismo, genocídio da juventude negra periférica, pelos

⁴ A Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - Unidade do Tatuapé (Febem Tatuapé) foi o maior complexo correcional para menores do Brasil. Está localizada no bairro do Belenzinho, na Zona Sudeste de São Paulo. Esta unidade foi palco de numerosas rebeliões em todos os anos, onde foram mesmo registradas mortes de menores infratores, passa atualmente por um processo de desapropriação e transferência dos internos para unidades de menor capacidade.

direitos das mulheres negras e toda forma de exclusão. Outra característica sempre presente é o combate às drogas, vistas como uma das principais armas de extermínio da população negra periférica.

O hip-hop, enquanto manifestação cultural associada à origem africana-diaspórica, encontra-se vinculado naquele espaço denominado por Gilroy de “*Black Atlantic*”. Por meio desse conceito, Gilroy (2001) confrontou as posturas comuns entre os pensadores da condição negra, argumentando, de modo convincente, contra os discursos de inspiração nacionalista e romântica que têm a África como origem de uma cultura negra pura. Foi, pois, com a metáfora do “Atlântico Negro” que este autor remete para o sentimento de desterritorialização da cultura em oposição à idéia de uma cultura territorial fechada e codificada no corpo, e busca explorar as relações entre raça, nação, nacionalidade e etnia, para colocar em xeque o mito da identidade étnica e da unidade nacional, para pensar em novas bases a cultura e a(s) identidade(s) negra(s), enfatizando, sobretudo, o problema e os limites da identidade étnica e racial. O autor demonstra como as culturas africanas, na África e na diáspora, nunca viveram hermeticamente fechadas em si mesmas e nem são vistas no campo unidirecional, mas compoem um espaço de profundas trocas culturais e identitárias.

Desse modo, ao transgredir as imagens homogeneizadoras, os membros da Hausa constroem sua noção de “negritude” e de hip-hop racial sob a chave da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem; isto é, a partir da identificação de elementos comuns encontrados na história da diáspora africana e das experiências singulares de discriminação e de segregação vivenciados pelos componentes do grupo na comunidade local brasileira. Nesse processo, a história de luta e resistência de seus antepassados, é projetada na história vivida, e resignificada.

A associação participou da criação do Acervo Especial de Culturas Africanas e Afro-Americanas em parceria com o Movimento Negro Unificado, na Biblioteca Jardim Paineiras, em Diadema, (região industrial da parte metropolitana de São Paulo), sendo esta a única referência para leitores e pesquisadores da temática na região do ABC. Este acervo, também, surge no centro das discussões acerca de políticas públicas para a população negra. O grupo participou também do encaminhamento de minutas de projetos de lei, que inclui nos currículos escolares da rede municipal de Diadema e Mauá, assuntos relacionados com África e a contribuição sócio-econômica e político-cultural dos afro-brasileiros na sociedade brasileira – leis estas que foram aprovadas.

Dos seus trabalhos para a comunidade destacamos trabalhos desenvolvidos sobre a questão racial na área da educação e cultura com o Movimento Negro Unificado e Departamento de Cultura de São Bernardo do Campo; participação na organização juntamente com o Movimento Negro Unificado e Projeto Meninos e Meninas de Rua, da primeira passeata da Juventude Negra Periférica em São Bernardo do Campo; efetuou trabalhos para a recuperação de jovens na Febem de Tatuapé e palestras dentro do projeto DST/ AIDS; além de eventos na esfera do cultural. E, pela expressiva importância política e cultural no hip-hop de São Paulo, a Posse foi instrumento de estudo de tese de Mestrado na Universidade de São Paulo.

A educação é fundamental para o grupo, porque é ela que possibilita o acesso ao conhecimento, às novas formas de leitura da História, e exerce um papel central nessa nova construção da cidadania.

“As ações políticas e sociais do hip-hop se realizam através do seu quinto elemento: o conhecimento. Sem o conhecimento, o rap, o break e o grafite não teriam esse caráter informativo e conscientizador das questões sociais. Ser um hip-hopper exige a busca de um conhecimento que vai além daquele ensinado nos livros didáticos.”

(Alexandre dos Santos, 26 anos, da Associação Posse Hausa. Entrevista realizada em São Paulo a 17 de junho de 2012)

A educação transformadora, popular, crítica, que dialoga com a realidade dos sujeitos envolvidos, nos remete para os ideais introduzidos pelo educador Paulo Freire (Freire, 2001), cujos princípios da educação popular estão relacionados com a mudança da realidade opressora, o reconhecimento, a valorização e a emancipação dos diversos sujeitos individuais e coletivos. A conscientização, a prática e a reflexão sobre a prática formam a categoria de organização da educação popular e, são elementos básicos para a transformação social.

A vivência grupal e a prática social dos jovens na Posse Hausa apontam para um crescente e significativo ato educativo, no qual a participação comunitária e a formulação de questões vão garantindo a consciência política

de cada componente. A articulação dos agentes propicia a luta pela produção de novos discursos, de novas verdades e de outros saberes. Aprender a falar, opinar e formular questões, são os atributos encontrados na dinâmica ou prática social da Hausa.

3. Agrupamentos de jovens em Portugal - Associação Diálogo e Acção/ Zulu Nation Portugal

Em diversos países, a cultura hip-hop tem servido de veículo de expressão para jovens que passam por situações de opressão ou discriminação. Nesse âmbito, a cultura hip-hop em Portugal tornou-se a senha para a definição de novas formas de localidades-identitárias (locais, regionais, nacionais) e de novas globalidades-identitárias, que chegam a atravessar fronteiras. Desse modo, o poder de aglutinação vem exatamente de sua capacidade de tradução e ampliação do sentimento de injustiça presente entre populações que vivem a margem da efetivação de justiça social, ou seja, da inclusão e do reconhecimento dos princípios de igualdade.

Nos bairros sociais e degradados de Lisboa, o hip-hop vem servindo como ferramenta de integração e inclusão social. O que se nota como constante são as condições insuficientes de infra-estrutura, resultando em condições degradadas de vivência e existência cotidiana. As imagens produzidas pelos meios de comunicação social estabelecem diferenças e reforçam formas de classificação ao estigmatizar territorialmente os bairros sociais como espaços degradados, publicamente etiquetados como zonas de “não-direito”, para usar o termo de Wacquant (2001), espaços marginalizados e indiferentes, associados a guetos de jovens negros ligados a criminalidade. Regina Novaes, que estuda a cena juvenil no Brasil, discute essa luta por reconhecimento, lembrando que os jovens de áreas periféricas são marginalizados pelo local de moradia, “(...) ao preconceito e à discriminação de classe, gênero, e cor adicionam-se o preconceito e a discriminação por endereço” (2006: 106). O não-reconhecimento do outro como sujeito de interesses e aspirações representa nada mais do que uma forma de sociabilidade que, por hora, não se completa, porque é regida por uma lógica de anulação do outro como identidade.

A Associação Diálogo e Acção, entidade que representa a Zulu Nation em Portugal, sem sede própria, vem desenvolvendo suas atividades provisoriamente nas dependências de uma igreja na localidades do bairro social da Reboleira, freguesia do concelho da Amadora, pertencente ao Distrito de Lisboa. Dentre suas ações, vem aparando, orientando e defendendo os direitos dos jovens e das mulheres, imigrantes residentes em bairros sociais, com ações diretas, trabalhando sempre com o diálogo de paz, cidadania, a auto-estima e a valorização das suas potencialidades artísticas, capacitando, assim, agentes culturais mediadores e multiplicadores da mensagem. A inserção no universo cultural transforma a condição dos jovens, sendo que muitos deixam de ser espectadores passivos e firmam-se como criadores ativos, além de lutarem por visibilidade. Para eles, essas atividades culturais são um dos poucos espaços de construção de auto-estima, possibilitando-lhes construir identidades positivas.

Através de suas ações, os jovens membros dessa associação se articulam com os arte-educadores, realizando danças, sessões de cinema, oficinas de hip-hop, palestras, para que os problemas da comunidade em relação a drogas, violência e sexualidade sejam minimizados através de suas práticas diárias. Esses jovens participam de fóruns, promovem seminários e se unem a outros movimentos juvenis nas discussões e lutas por políticas públicas. A associação vem exercitando o que chamaríamos de “descentramento do olhar colonizador”, a partir do argumento de que o indivíduo constrói sua alteridade a partir do momento em que começa a contestar o olhar do colonizador sobre si. O ponto central que está por trás desse olhar pós-colonial é lutar, como diz Mignolo (1996), por um deslocamento do *locus* de enunciação. O interesse é de relocação. Não se trata apenas de devolver o olhar, mas de tentar mudar a origem do olhar, exercitando assim a hermenêutica pluritópica. Dito de outra forma, criar espaços de possibilidades do subalterno se subjetivar autonomamente.

Visando a expansão das redes sociais para além das fronteiras do bairro, a associação vem participando em redes internacionais de hip-hop buscando parcerias com outros coletivos, que partilham da mesma filosofia do grupo, buscando o alargamento das áreas de intervenção. Em 2010, por exemplo, com o apoio da Fundação Gulbenkian, Diálogo e Acção recebeu apoio para o projeto “Hip Hop de Batom” que, através das várias vertentes do hip-hop – canto, dança, DJ e graffiti –, e num meio ainda vincadamente masculino, pretendeu dar espaço à voz das mulheres e promover a igualdade de género e o exercício dos direitos de cidadania das mulheres, com vista ao decréscimo da violência pública e privada que submete muitas mulheres a constrangimentos, a discriminações, a desigualdades de oportunidades de acesso ao emprego, ou que as atira para a prostituição, tornando-as vítimas dos traficantes da indústria do sexo, entre outras tantas agressão ainda exercida contra elas.

No âmbito deste projeto, foram desenvolvidas diversas atividades, visando a troca de experiências entre as mulheres envolvidas no projeto “Hip Hop de Batom”. Mostras de filmes e documentários sobre a importância da mulher e da cultura hip-hop, exposições e espectáculos ao vivo com especial apelo às mulheres artistas de zonas urbanas periféricas ou participação das jovens do grupo Hip Hop de Batom em seminários sobre o tema Violência Contra as Mulheres, são exemplos de algumas iniciativas realizadas. E um dos resultados obtidos através de um curso frequentado pelas rappers foi a realização de uma letra escrita pelas integrantes falando da mutilação genital feminina e a ilustração visual feita pela grafiteira do grupo.

Em 2010 foi realizado o primeiro encontro de hip-hop feminino em Lisboa, Portugal, e realizou-se um encontro de três fins-de-semana. O fio condutor do projeto foi a sensibilização e capacitação de jovens mulheres, não só como agentes culturais para a inclusão de outras jovens mulheres, a partir de uma linguagem artística aceite nos bairros de onde são provenientes, mas também como agentes de mediação e diálogo para a paz e para a resolução de conflitos. A formação destas jovens teve como objetivo preparar e transformar as participantes em agentes multiplicadoras, habilitando-as para trabalhar nas suas comunidades. Tendo em conta que os bairros nos quais a associação trabalha têm um alto índice de portadoras de HIV/ SIDA, foi também nessa área que insistiram a nível da formação. Com mais segurança e conhecimento, estas jovens ajudariam na prevenção de HIV/ SIDA e das doenças sexualmente transmissíveis, na prevenção da gravidez na adolescência, no estímulo da auto-estima das mulheres do seu bairro, passando também informações úteis para o dia-a-dia delas, fortalecendo a rede de mulheres e criando alternativas e dando respostas às suas dúvidas.

“Hip Hop pela Paz” é outro projeto que atualmente é realizado pela Associação Diálogo e Acção/ Zulu Nation Portugal, tendo como objetivo o desenvolvimento pessoal e social, de integrar e de educar para a cidadania, através do hip-hop enquanto veículo de informação cultural. O projeto integra jovens de bairros sociais de Lisboa – Sta. Filomena, Cruz Vermelha (Cascais), Amadora, Queluz, Sintra, Apelação (Loures), Quinta da Princesa (Seixal), Estoril, Chelas e Fim do Mundo – num total de 20 jovens, dos 14 aos 28 anos, envolvidos na multiplicação de ações de paz e não-violência. O projeto vem fortalecendo os talentos, qualidades e competências dos jovens envolvidos, contribuindo com isso para o processo de inclusão social dos jovens no quotidiano cultural do seu bairro.

No dia 10 de Setembro de 2011, o Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian, acolheu o concerto de lançamento do CD “Hip Hop Pela Paz”, que visou a promoção da não-violência e do diálogo, no sentido de potenciar a criatividade rítmica e musical, num contexto de interação sociocultural e de inclusão social.

“Quero sempre ser original e me manter dentro de uma filosofia com referência na Zulu Nation. Trazer a ideologia inicial do hip-hop, a unificação dos povos, a paz! Quero alertar a todos através de informações que o pessoal não tem conhecimento com palavras que possam nos fazer crescer!”.

(Jack Pot, rapper, membro da Zulu Nation Portugal. Entrevista realizada em Lisboa, a 24 de julho de 2012)

“Não se trata de uma vontade temporária, não se trata de uma moda, não se trata de um passatempo. Trata-se de procurar, com as nossas capacidades e dons, melhorar o mundo à luz do 5.º Elemento, que designamos como Conhecimento.”

(Nicandro Francisco de Barros Mendes, 24, rapper, membro da Zulu Nation Portugal. Entrevista realizada no Cacém, Portugal, a 5 de julho de 2012)

Os jovens participantes deste coletivo e adeptos do hip-hop buscam através de suas ações intervir na realidade cotidiana como forma de transformação social, valorizando seu local de origem com o objetivo de melhorá-lo, através de sua ação cultural. Logo, subjacente à vontade de participar encontra-se um sentido cívico, uma preocupação social, um sentimento de bem-estar por realizar algo que é positivo para um outro, nomeadamente o grupo a quem a atividade se destina. À luz disto, o simples fato de participar desses jovens implica forte apelo na criação e experimentação de formas diferentes de relações sociais cotidianas no exercício de espaços de relações mais solidárias, de consciência menos dirigida pelo mercado, de manifestações culturais menos alienadas em reação às várias deficiências da esfera social que se manifestam na periferia do sistema.

Partindo do princípio da cidadania como direito à vida no sentido pleno, estes jovens acreditam que através de sua cultura podem exercer alguns de seus direitos e deveres de forma alternativa, buscando construir uma outra realidade para seu local de origem.

“Quando você está participando de um coletivo você se sente mais importante até mesmo para você, tanto a sua auto-estima, quando da importância que você se dá para si. Eu consigo exercitar o que eu gosto, o que eu sei fazer. Quando você está no coletivo, quando nos unimos torna mais forte.”

(Cátia Andrade, Gata, 28, rapper do grupo Hip Hop de Batom. Entrevista realizada em Lisboa, a 22 de Julho de 2012)

Por meio das redes de socialidade, alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urbanos através da arte. Logo, podemos dizer que um dos termos-chave utilizados por estas associações é ‘protagonismo juvenil’, que se traduz pela participação dos jovens nos contextos em que estão inseridos, no sentido de proposição de caminhos para a concretização da condição de cidadania. Nestes agrupamentos juvenis, ligados ao hip-hop, os sujeitos sociais se comunicam e tomam conhecimento de seus direitos e deveres e, a partir deste momento, tomam decisões sobre suas vidas, seja de forma individual, seja de forma coletiva. A identidade de pertencimento se reforça como estratégia simbólica de busca de inclusão frente a contextos de fragmentação derivados de processos de desigualdade cada vez mais intensos.

4. Considerações Finais

A partir das narrativas dos jovens, buscamos a compreensão dos processos sociais que formam suas identidades, procurando analisar as redes de aprendizagem e sociabilidade que eles apresentam. Observamos as relações que estes jovens estabelecem, como constroem suas experiências de lazer nos espaços públicos da cidade, e constatamos o caráter educativo e cultural de suas práticas de ‘ludicidade’, assim como seus processos de identificação e construção de identidades.

A relação entre jovens e espaço urbano pressupõe a necessidade de propor uma abordagem que reconheça o ‘habitar’ como algo que se faz, que se produz activamente. Trata-se de explorar a forma como os jovens navegam, circulam e habitam o espaço urbano, sempre tendo em conta as diferenças de género e a forma como a estratificação social reflecte-se quer na própria estrutura urbanística quer nos circuitos que os jovens inventam, nela reproduzindo e recriando processos de significação dos lugares, as suas formas diferenciadas de ‘circular’ a cidade, como o que Certeau (1994) designa de ‘mapas’ e ‘circuitos’. Assim, a auto-encenação da cidade como espaço de diversidade desses ‘outros espaços’, mapas e circuitos, está sendo cada vez mais documentada no hip-hop, o que leva a questionar o modo com o território luso-brasileiro se auto-representa.

No caso da sociedade portuguesa, o rap acaba por constituir não só a afirmação da condição negra mas também o caminho de pertencimento a uma determinada negritude. Segundo Gusmão (2005) este processo é influenciado por movimentos mais globalizantes, chegando a própria condição da africanidade a ser ambígua (e não homogénea) para os jovens negros, na medida que a africanidade para os jovens descendentes de imigrantes que

vivem num bairro africano de Lisboa, de falar uma língua africana, nomeadamente o crioulo, expressa as origens, o espaço, a condição de ator.

Construídas nas interações sociais, as representações sociais juvenis urbanas acabam por se constituir, em mediações entre os sujeitos e o mundo, interpenetrando sentimentos, ideias, biografias, ideologias, fundindo as histórias dos sujeitos no local e global; e apropriadas para dar sentido às suas ações no cotidiano. Estas agremiações foram potenciadas pela disseminação da democracia que deu aos grupos excluídos maior espaço de representação política e reivindicação, associado ao progresso na comunicação que permitiu articulações de luta novas em entes espistêmicos antes isolados e ainda a aceleração dos fluxos migratórios, criando fora do contexto de origem diásporas que apoiam exigências de reconhecimento cultural, fornecem aos jovens periféricos novos modelos de atuação, aquisição de novos saberes e protagonismo social, assim como novos espaços de pertença.

Esses coletivos juvenis possuem perfis auto-organizativos, autogestionários e extrainstitucionais, por meio de diferentes articulações estéticas, políticas e de ações culturais. Rever a identidade, questionar a identidade, reafirmar a identidade tornam-se exigências correntes. Pertencer a um movimento, a uma rede, a um campo ético-político, situar-se num campo discursivo, enfim, implica experimentar o desafio da alteridade, inserir-se em lutas pelo reconhecimento ou pela reparação de injustiças e de desigualdades.

É possível identificar uma diversidade de motivações que podem estar na base do estímulo sentido pelo(a) jovem para dar os primeiros passos dentro desses coletivos ligados ao hip-hop, assim sintetizadas: afinidades simbólicas e afetivas face às atividades às quais se adere; necessidade ou desejo de expressar-se em termos identitários, em ligação com as raízes culturais africanas; acesso a formação e/ ou oportunidade de emprego, conjugando gostos pessoais; oportunidade de conhecer pessoas e conviver, podendo interligar-se com laços de amizade, familiares ou comunitários, com forte peso das sociabilidades juvenis; resolução de problemas concretos que afetam o indivíduo ou o bairro onde reside, aliando o interesse individual a um sentido cívico de contribuir para o bem-estar coletivo.

Sintetizando, a leitura feita destes agrupamentos revela que estes implementam ações que acabam por contribuir para a possibilidade de construção da cidadania, com respeito às suas diferenças e direitos. Os agrupamentos dos jovens vinculados ao hip-hop no espaço urbano luso-brasileiro acabam por remeter para um território tanto de encontro como de conflito e medo. São, portanto, um campo de pesquisa privilegiado para a compreensão e a decodificação dos significados e dos papéis sociais que se atribuem à juventude periférica.

BIBLIOGRAFIA

Bhabha, H.K (1994), *The Location of Culture*, Londres: Routledge.

Canclini, N.G. (2005), *Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de la modernidad*, Buenos Aires: Paidós.

Certeau, M. de (1994), *A invenção do cotidiano*, Petrópolis: Vozes.

Clarke, G. (1990), "Defending Ski-Jumpers: A critique of theories of youth subcultures", in S. Frith e A. Goodwin (Eds.), *On Record*, Nova Iorque: Pantheon Books.

Freire, A.M.A. (Ed.), *A pedagogia da libertação em Paulo Freire*, Série Paulo Freire, São Paulo: Editora Unesp.

Gilroy, P. (2001), *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência*, São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

- Gusmão, N.M.M. de (2005), *Os filhos da África em Portugal*, Belo Horizonte: Autêntica.
- Hall, S. e Jefferson, T. (Eds.) (1993 [1976]), *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*, London: Hutchinson, and Co, CCCS, University of Birmingham.
- Hall, S. (1997), “A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções de nosso tempo”, *Educação e Realidade*, 22 (2), pp.15-46.
- Hall, S. (2003), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Hall, S. (2002), *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro: DP&A.
- Hebdige, D. (1979), *Subculture: The meaning of style*, London: Methuen.
- Maffesoli, M. (1997), *A transfiguração do político: a tribalização do mundo*, Porto Alegre: Sulina.
- Martin-Barbero, J. (1993), *De los medios a las mediaciones*, 3ª Edição, México: G. Gilli.
- Martins, R. (2005), *O Estilo que ninguém segura*, São Paulo: Esetec.
- Melucci, A. (1996), *Challenging codes. Collective action in the information Age*, New York: Cambridge University Press.
- Mignolo, W.D. (1996), *Histórias Locais/Projetos Globais. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*, Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Novaes, R. (2006), “Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias”, in M.I.M. Almeida e F. Eugênio (Eds.), *Culturas jovens: Novos mapas do afeto*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, pp.105-120.
- Rockwell, E. e Ezpeleta, J. (1989), *Pesquisa Participante*, 2ª Edição, São Paulo: Cortez/Autores Associados.
- Santos, J.L. (2010), “Re-significando a negritude através do hip-hop”, Associação Posse Hausa Weblog [Online], 12 de Abril, Disponível em: <http://possehausablogspot.com>, acessado a 8 de janeiro 2012.
- Wacquant, L. (2001), *As Prisões da Miséria*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Velho, G. (2003), *Projeto e metamorfose*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.